

Algumas reflexões sobre a Psicanálise, a Neurociência e o Poder em *O Alienista*, de Machado de Assis.

Edson Santos de Oliveira (FALE/Coltec/UFMG)

Rosa Maria Esteves Arantes (ICB/UFMG)

O objetivo deste artigo é analisar o conto *O Alienista*, de Machado de Assis, tomando como ponto de partida as articulações entre ciência e poder no século XIX. Partindo das propostas de Michel Foucault sobre as relações entre saber e poder, tentaremos evidenciar os limites da ciência nessa época, analisando o distanciamento irônico operado por Machado de Assis, principalmente no que se refere ao papel do cientista e do bacharel, isolados em seus universos “objetivos” e distantes da realidade brasileira. O discurso irônico machadiano, nas suas oscilações, nos avanços e recuos dos personagens, desmonta as certezas da ciência da época e continua atual no século XXI, principalmente se levarmos em conta a tensão existente entre as propostas da Psicanálise e a cruzada farmacológica defendida por algumas correntes da Neurociência.

Entre o Positivismo do fim do século e o Neorrealismo, no momento em que aparece a dúvida sobre a infalibilidade da ciência, Machado de Assis, no conto *O Alienista*, posiciona-se, maliciosa e ironicamente, sobre o eterno tema da loucura e de certa forma é contemporâneo com relação à questão de sua medicalização, em uma sutil ironia que nos remete ao campo da psiquiatria, neurociência e psicanálise.

Vamos fazer a seguir um resumo da narrativa. Trata-se de um mero guia de exposição. Convidamos o leitor a reler o conto de Machado a fim de saborear melhor a ironia do texto. Simão Bacamarte formou-se em Medicina na Europa e, regressando ao Brasil, fundou em Itaguaí uma clínica psiquiátrica, a Casa Verde. Na sua obsessão científica, Bacamarte vai observando os moradores da vila e confinando-os na Casa Verde. Qualquer mania era motivo de internação. Um barbeiro, Porfírio, lidera uma rebelião, a Revolta dos Canjicas, para derrubar a tirania do médico. Ao tentar prender o alienista, o barbeiro acaba concordando com alguns absurdos pressupostos teóricos do médico. Surge nova rebelião, liderada por novo barbeiro. O rei envia seus soldados pacificando a revolta. A Casa Verde estava lotada e Bacamarte tem uma ideia inusitada: solta os “doentes” e manda prender os normais. Novas prisões são realizadas. Padre Lopes, o boticário Crispim Soares e até Dona Evarista, esposa do alienista são internados. Finalmente, após longos estudos, Bacamarte chega à conclusão de que Itaguaí não possui loucos e ele acaba se internando na Casa Verde, morrendo poucos meses depois. Muitos achavam que o único louco de Itaguaí era o alienista, boato duvidoso, que o povo atribuía ao padre Lopes.

A obra de Machado de Assis nos possibilita refletir sobre o cientificismo que entrava em voga em sua época e que foi ganhando terreno em todos os espaços institucionalizados, e a despeito de sua enorme força institucional, apoiado na medicina e nas ciências biológicas (Neurociências), vem merecendo restrições ao longo da História, sendo ironizado por um Machado que já antecipava o panorama contemporâneo dos manuais de diagnósticos psiquiátricos.

O tema amplo da saúde mental engloba mais que a Psiquiatria, então naquela época ainda lutando para ser reconhecida como ciência e remete a questões relativas à imparcialidade da ciência, às relações entre saber e poder embutidas no cientificismo, questões tão atuais já antecipadas, ainda que embrionariamente, pelo olhar irônico de Machado de Assis em seu conto *O Alienista*. Simão Bacamarte estaria à vontade em meio a uma batalha que se travaria no século XX, com a emergência de diferentes correntes psiquiátricas, algumas desaguando na Neuropsiquiatria e muito identificadas com o cientificismo do qual Machado tinha razões para desconfiar.

A noção de normal ou patológico sempre esteve ligada ao que é da ordem do qualitativo e normativo. Machado de Assis apontou a fragilidade dos pressupostos que dão suporte a rígidas classificações. Tais suportes, fantasiados do saber e do rigor científicos, diferenciam o comportamento enquadrado/normal do desviante/patológico. O escritor fluminense denunciou esse poder ideológico, econômico, científico, político e mostrou como ele pode se transformar numa forma de controle e coerção da sociedade. Todas as ciências estão a serviço de uma ideologia hegemônica e, portanto, acreditar na neutralidade científica é ingenuidade, ausência de visão crítica (MONTEIRO, 2003, p.39-45). No caso de Bacamarte, percebemos que a psiquiatria deu a ele credibilidade a ponto de conseguir licença da câmara para fundar sua clínica. Defendeu sua proposta “com tanta eloquência que a maioria dos vereadores resolveu autorizá-lo ao que pedira”. (*O Alienista*, p. 11). (Grifo nosso) Além disso, o médico conseguiu um imposto destinado a subsidiar o tratamento dos “loucos”. É o saber do alienista que lhe dá o direito de exercer arbitrariamente o poder na vila. Para ter poder, é preciso falar bem. Bacamarte só consegue seus objetivos porque faz um belo discurso na câmara.

Para Foucault as relações de saber e poder remontam à filosofia platônica. Quem é visado por Platão é o sofista. Vale ressaltar que o sofista era apenas um pequeno representante de um outro personagem criticado pelo filósofo grego: o tirano, que dominava tanto pelo “poder que exercia quanto pelo saber que possuía”. (FOUCAULT, 1974,p. 122). Quando surge a Idade

Clássica, com o pensamento socrático, desaparece a união entre saber e poder. Nasce o mito de que a verdade não pertence ao poder. Foucault contesta essa proposta grega e demonstra que não há poder sem saber e nem saber sem poder. “O poder político não está ausente do saber, ele é tramado com o saber.”(FOUCAULT, 1974, p.40)

O filósofo Richard Rorty afirma que um dos conflitos da filosofia com o discurso científico foi a tentativa de reconciliar a teologia cristã com as descobertas da ciência no século XVII. (RORTY, 1997 , p. 01). Uma vez que o conhecimento sempre chegava da Europa com grande atraso nas colônias, é possível que essa aliança entre teologia e ciência continuasse presente no Brasil, no final do século XIX. No caso machadiano, podemos perceber uma espécie de aliança nas relações entre o padre Lopes e o alienista.

No início das pesquisas de Bacamarte, o sacerdote levanta dúvidas sobre o trabalho do médico: “O padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos doidos no mundo, e menos ainda o inexplicável de alguns casos.” (*O Alienista*, p. 13). Pouco depois dessa passagem, o próprio Simão Bacamarte estende a mão ao padre, buscando apoio e afirma: “- A Casa Verde, disse ele ao vigário, é agora uma espécie de mundo, em que há o governo temporal e o governo *espiritual*. (*O alienista*, p. 14-15) (Grifo em itálico do autor). No capítulo III, na conversa com o médico, o sacerdote, que já achava um absurdo a teoria do alienista, fica indeciso quando Bacamarte lhe garante que há uma perfeita delimitação entre a razão e a loucura. Afirma o narrador: “A ciência contentou-se em estender a mão à teologia com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. “ (*O Alienista*, p. 21). A partir da citação anterior, vale a pena destacar outro ponto importante defendido por Foucault: a concepção de verdade é variável dependendo de paradigmas produzidos historicamente. A atividade científica depende de fatores sociais e não está condicionada apenas ao domínio da ciência. Machado ironiza essa aliança entre biologia e teologia quando mostra as oscilações do saber teológico diante do poder do médico.

Outro ponto importante que merece reflexão é que nas relações de saber e poder, no Brasil do final do século XIX, entra outra variável: o discurso da persuasão, marcado pela retórica, o falar bem, a capacidade de convencer pela linguagem bonita, mas vazia. O alienista consegue convencer os vereadores porque tem boa eloquência. Porfirio lidera a Revolta dos Canjicas por ter o dom da oratória. A expressão “Bastilha da razão humana”, por exemplo, atribuída à Casa Verde e usada pelo barbeiro, além de ser uma irônica alusão à Revolução Francesa, tem grande efeito persuasivo no povo, mais pela sonoridade e valor bombástico do que pelo seu real significado.

O importante, na época, era usar uma retórica ornamental, mesmo que o discurso não tivesse sentido. Um bom exemplo dessa retórica vazia está no discurso do rapaz Martim Brito que chama o Marquês de Pombal de “Dragão aspérrimo do nada”. Como podemos notar, o que vale é aparentar, passar uma imagem do verossímil e não do verdadeiro. A retórica do verossímil ou até mesmo o palavreado vazio, a casuística e o bacharelismo foram surgindo em estreita sintonia com o poder. Processo semelhante ocorria com a ciência. (SANTIAGO, 1978, p.45-46), Assim, em *O Alienista*, a tirania do discurso científico está atrelada a esse modo de persuadir. Bacamarte simboliza o cientista que se insula em seu saber, ignorando a realidade que o cerca, impondo meias verdades a partir de classificações arbitrárias, reforçadas por uma linguagem “precisa”. Seu segundo nome – Bacamarte – é significativo. Essa palavra está ligada ao campo semântico de arma, instrumento a serviço da ciência e do poder racionalizando os absurdos praticados por ele.

Na atualidade, a presença do verossímil pode ser utilizada a partir de dois ângulos diferentes. O filósofo Richard Rorty defende que esse conceito, via literatura, possibilita tanto à ciência quanto à filosofia saírem do narcisismo teórico, colocando em constante distanciamento seus pressupostos. (RORTY, 2007, p. 147). Ao invés do dogma, ciência e filosofia devem lançar uma pitada de ceticismo em suas atividades e apostar no talvez, no provável. Por outro lado, o verossímil, via linguagem, pode também ser utilizado pela ciência como estratégia de manipulação, enfim, artimanha do poder para defender uma suposta verdade, como aconteceu com o alienista.

Em contraponto à verdade absoluta, alguns personagens de *O Alienista* se comportam de modo oscilante. Padre Lopes fica indeciso: critica o médico, depois o apóia, permanecendo neutro. O mesmo acontece com o boticário. Igreja e burguesia local dão-se as mãos. Também o alienista, tentando colocar caricatos paradigmas em suas experiências, oscila: prende todos que supõe loucos, solta-os, enclausura os normais e se interna. As oscilações dos personagens fazem fina ironia às verdades absolutas defendidas pelo Positivismo e por alguns segmentos da ciência da época. Além disso, convém salientar que tais oscilações têm relação com o poder. Crispim teme perder sua clientela; padre Lopes, para manter o poder espiritual, fica neutro diante das investidas do alienista. Poder e saber, teologia, retórica e ciência se unem como detentoras de uma verdade absoluta e sagrada. Só mesmo um olhar irônico para dismantelar essas imposturas.

O discurso irônico de Machado continua atual. Basta ver hoje as tensões que podemos perceber entre o saber da psiquiatria e da psicanálise no século XXI. Os manuais de diagnóstico

atuais, baseados na dualidade saúde versus transtorno, transformaram-se em instrumento para prover uma margem mínima de erro com o ideal de transmitir um modelo médico para a psiquiatria. Nesse modelo, os manuais catalogam e esterilizam as hipóteses etiopatogênicas, o conceito de doença e a estrutura do próprio sujeito, fundando uma prática de diagnóstico baseada no consenso estatístico de termos ligados a fenômenos que precisam ser eliminados com medicamentos.

O crescimento dos modelos das neurociências invade fortemente os saberes do psíquico, emudecendo e marginalizando as teorias psicanalistas, que contemplam a queda do seu poder simbólico e a perda no campo do imaginário da modernidade (MONTEIRO, 2003, p.39-45). Hoje, devido ao crescente impacto das neurociências, a psiquiatria biológica vem ganhando força com o argumento de que algumas das teorias de Freud podem ser validadas pela neurociência de forma efetiva, com o sobre-efeito de falar uma outra linguagem supostamente mais precisa - leia-se mais “científica” - e por isso incontestável, aceita, agora, sim, como dogma. Os pilares da neurociência baseiam-se na materialidade do cérebro-máquina, que exerce controle sobre a vida visceral bem como sobre as nobres funções: a consciência, o pensamento, a emoção e a percepção. As provas dessa materialidade são fornecidas pelas descobertas das localizações cerebrais, uma topografia funcional, evidenciada pela concomitante atividade nervosa e variações do fluxo sanguíneo de uma região cerebral.

No conto em questão, Simão Bacamarte, motivado pelo seu interesse de pesquisador, incorpora a cada dia novos critérios para aumentar a “precisão” com que procura explicar as causas científicas da loucura. Assim, foi ampliando seu protocolo de comportamento suspeito, e diariamente internava moradores da cidade de Itaguaí, na Casa Verde, até que boa parte dos habitantes da cidade estivessem internados no manicômio sob seus cuidados. As atitudes do médico fazem lembrar famosa frase de uma velha canção de Caetano Veloso: “de perto, ninguém é normal.” (VELOSO, 1986).

Em certo momento da narrativa, a ordem se reverte garantindo à loucura status de sanidade com a alta aos internados. Já a razão passou à loucura e Simão internou-se no sanatório. Aqui aparece claramente o caráter arbitrário da norma que, quando se instaura, já define como valor oposto o que não se enquadra nela. O segmento social ou os conceitos que vão sofrer a coerção, o controle ou a punição são predeterminados pelo quantum de ameaça que eles representam, para a hegemonia em risco (BIRMAN, 1999, p.184).

O cientificismo, que pretende que a ciência seja o “abre-te sesámo” da compreensão universal, à maneira dos positivistas e dos empiristas lógicos do Círculo de Viena, já não atende à demanda de meditar sobre as grandes incógnitas da condição humana, nem que seja pela ótica da biologia moderna. A complexidade do emaranhado de terminações nervosas de todos os comprimentos entre as células que convergem em imbricações inextricáveis desafiam o neurofisiologista e o neuroanatomista, preocupados em fazer a distinção entre as arquiteturas neuronais inatas e adquiridas. O cérebro humano nunca para de se refazer e de falar consigo mesmo. Fazer a ciência se manter fiel a seus postulados é também uma questão de ética. Uma ética própria à ciência, para que ela mantenha seus limites e se mantenha nos limites de suas descobertas (QUINET, 1999, p. 13). A tarefa a que a psiquiatria se propunha era então a de curar a alienação mental, uma forma de perda temporária e errante da razão. A medicalização psicofarmacológica das variações de humor, das paixões, e do sofrimento psíquico foi aumentando vertiginosamente, estando hoje massificada e fugindo mesmo ao domínio da própria psiquiatria. A escuta da existência e história dos enfermos tem sido descartada até seu silêncio. Evitar o sofrimento é hoje uma política de ação médica.

Em um mundo sem projetos alternativos, para fazer oposição às dores e desesperanças que proliferam no vazio deixado pelo fim das utopias e messianismos, a busca de um ideal de estesia psíquica no sujeito, a normalização de seus humores intempestivos e a promoção de paraísos artificiais justificam a adesão aos procedimentos psicofarmacológicos, sustentados pelo discurso da biologia e legitimados pelas neurociências e afins (neurofisiologia, neurofarmacologia, neuroquímica). Eis, portanto, algumas questões a serem consideradas pela psicanálise no século XXI, e que demonstram a importância de um diálogo permanente com a neurociência. Trata-se, basicamente, das mesmas questões colocadas por Machado, (e também por Freud há pouco mais de cem anos); não obstante, a inserção de novos conceitos, advindos da neurociência.

Enquanto a principal crítica à chamada psiquiatria biológica é a radicalização na função de controle social que funda o discurso e a prática psiquiátrica na modernidade, à semelhança do que ironiza Machado Assis em “O alienista, o dispositivo psicanalítico encerra um modo de produção de saber radicalmente diferente de outras formas de produção de conhecimento em nossa cultura. É uma relação de poder da transferência, poder-potência de operar nos próprios processos de subjetivação, operação que impõe ao analista a permanente e interminável tarefa de colocar em análise suas próprias implicações. Essa forma de trabalho na subjetividade rompe com a psiquiatria biológica, ou seja, rompe com uma clínica que, ao negar o caráter produtivo e singular do sintoma e reduzi-lo a transtornos plenamente classificáveis e medicáveis, acaba homogeneizando a subjetividade.

Referências:

- ASSIS, Machado de. *O Alienista*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1976.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- FOUCAULT, Michel. “A verdade e as formas jurídicas”. In: *Cadernos da Puc*. Rio de Janeiro, – Série Letras e Artes, no 16 -06/74, p. 05-40.
- MONTEIRO, Dalva de Andrade. “Perversão e psicanálise na atualidade”. *Cogito*, 2003, vol.5, p.39-45. ISSN 1519-9479.
- QUINET, Antonio. *A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade*. Disponível in http://lacanian.memory.online.fr/AQuinet_Ciencia.
- RORTY, Richard. “A filosofia e o futuro”. In.: *Filosofia , sociedade e Educação*. Ano I, no 01, Marília,UNESP, 1997.
- RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. Trad. de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Antônio Marcos Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- SANTA CRUZ, Maria Ângela. *Desafios da Clínica Contemporânea: Novas formas de manicomialização*.Disponível in:http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Maria_Angela_Santa_Cruz.pdf.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaio sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- VELOSO Caetano. “Vaca Profana”. In. *Cd Totalmente demais*. São Paulo, Gravadora Universal, 1986.

Abstract

The aim of this article is to analyze Machado de Assis' tale *O Alienista*, taking as the starting point the articulations between science and power in the 19th century. Starting from Michel Foucault proposals about knowledge and power relationships, we will try to point out the science limits at this time, analyzing the ironic detachment done by Machado de Assis, mainly, in what concerns the scientist's and the bachelor's role, isolated in their objective worlds and distant from the Brazilian reality. The ironic machadian discourse, in its oscillations, in the character's progressions and fallbacks, dismantles the certainties of the science of the time and continues to be current in the 20th century, especially if we take into account the tension between the Psychoanalysis proposals and the pharmacological crusade defended by some Neuroscience theories.